

**POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE O MÉTODO DE PAULO FREIRE E O MÉTODO
DA ECONOMIA POLÍTICA DE KARL MARX.¹**
[POSSIBLE RELATIONS BETWEEN PAULO FREIRE'S METHOD AND KARL
MARX'S METHOD OF POLITICAL ECONOMY]

André Ricardo DIAS

Doutorado em filosofia
(Universidade Federal da Paraíba/Universidade de
Padova - Itália)

Professor no Instituto Federal do Sertão Pernambucano.
E-mail: andre.dias@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Neste trabalho trataremos da relação entre o método teórico de Paulo Freire e o método da economia política de Karl Marx. Observamos que o método de Marx fora utilizado como base das formulações de Freire no campo da educação, precisamente na crítica da escola tradicional e em favor de uma proposta metodológica que, assim como em Marx, inverta a proposição idealista do conhecimento do objeto na relação entre o geral e o particular. No campo da luta de classes e das relações sociais de produção que a engendram, o método correto se configura numa analítica do ser social e de sua práxis criadora.

Palavras-chave

Educação, Karl Marx, método, Paulo Freire.

Abstract

In this paper we will deal with the relationship between Paulo Freire's theoretical method and Karl Marx's method of political economy. We observe that Marx's method is used as a basis for Freire's formulations in the field of education, precisely in the critique of the traditional school and in favor of a methodological proposal that, just like in Marx, reverses the idealistic proposition of the knowledge of objects in the relations between the general and the particular. In the field of class struggle and the social relations of production that one engenders, the correct method is configured in an analytic of the social being and its creative praxis.

Keywords

Education, Karl Marx, method, Paulo Freire.

¹ O texto é fruto de uma palestra proferida pelo autor no "I Seminário Nordestino da Educação Profissional e Tecnológica e V Sertão Filosófico: 100 anos de Paulo Freire - Ensinar a aprender e aprender ensinando", ocorrido em setembro de 2021 no IF Sertão PE. Aqui, foram feitas algumas alterações e acréscimos ao texto apresentado.



Introdução

Em 2021, o centenário de Paulo Freire (1921-1997) motivou amplos debates e produções teóricas com o intuito de celebrar seu legado, mas também reavivou razões para defender seu pensamento crítico em relação à educação na contemporaneidade, bem como a sua visão de mundo estritamente vinculada à questão da emancipação humana historicamente situada. Esta defesa do pensamento de Freire se inscreve no contexto político atual, com o escancaramento nos últimos anos das tendências fascistas encontradas na luta de classes à brasileira, satisfeita pela relação da burguesia nacional bovarista² com o capitalismo financista mundial em seu trabalho de exploração econômica e expropriação das riquezas naturais ao sul do continente americano.

Este cenário fora denunciado fortemente já na metade do século XX pela geração de intelectuais à qual pertenceu Freire. No rescaldo das tensões políticas atuais, a obra e a figura de Paulo Freire têm sido alvo de ataques e tentativas de deslegitimação. O motivo de base é conhecido pelo ocidente há pelo menos dois mil anos. Se trata da tensão entre o exercício do pensamento crítico radical e os interesses da ordem estabelecida. E o nosso autor trouxe o questionamento desta ordem e o tomou como base para erigir um método próprio de ensino. A partir desta posição política reconhecida em suas premissas e valores, Freire se tornou por fim o alvo dos conservadorismos e reacionarismos dirigidos ao pensamento crítico e à figura do intelectual não alinhado aos interesses do capital.

O método freiriano, voltado inicialmente para a educação de adultos como um método de alfabetização, se impôs como uma coerente visão de mundo e uma reflexão

² Recentemente, foi Maria Rita Kehl em *Bovarismo brasileiro* (KEHL, 2018) quem aproximou o termo, que tem origem na crítica literária e na psicanálise, para pensar a formação das elites no Brasil. Inicialmente, o termo remete à personagem ficcional Emma Bovary, do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. No romance, a personagem convive com uma visão invertida da realidade, confundindo o real com suas projeções imaginativas originadas na literatura de romance que lê avidamente. No livro de 2018, Kehl aproxima o conceito de bovarismo para destacar aspectos não só psicológicos, mas, sobretudo, os desdobramentos políticos e econômicos desta personalidade feita paradigma das nossas elites. Daí explicar a insatisfação com a cultura e o preconceito contra o “povo” brasileiro, sempre tomando como parâmetro o refinamento cultural e as soluções econômicas e sociais do primeiro mundo. Mas o que diferencia esta atitude das elites de outros países são as consequências políticas deste estado, o que se dá numa ávida junção entre a colonização cultural, com o imperativo da expropriação e entrega das riquezas do país às nações imperialistas do Norte, e também sua tradução num comportamento que se nega enquanto povo brasileiro e vive da projeção de um outro, qual seja, a idealização do europeu culto e civilizado ou, a partir do “estilo de vida americano” do Entreguerras, o cidadão médio dos EUA projetado como empreendedor, moderno e afinado com um padrão superior do mundo do consumo de massas.



orientadora das práticas educacionais aplicada em todos os níveis de ensino. Por isso, falamos aqui de um método e de uma teoria que vão além da alfabetização, na forma de um processo de ensino-aprendizagem dialógico, comprometido ética e politicamente com os problemas sociais de cada instante e, por isso mesmo, comprometido com a transformação social. Este método e sua teoria possuem um ponto de partida concreto, a saber, o indivíduo inserido e determinado pela forma social expressa pelo atual desenvolvimento das forças produtivas.

Este esquema estrutural anuncia sua preocupação com a forma de vida assumida no marco do sistema político e econômico do capitalismo a partir da segunda metade do século XX. Se hoje, em tempos de um regime econômico neoliberal que atualiza as demandas do capital por meio do enxugamento do Estado burguês, exatamente no pouco que este oferece na forma de serviços e direitos básicos necessários para a sobrevivência das classes trabalhadoras nas cidades e no campo, da conseqüente redução de direitos sociais, que promove a obliteração do espaço público, da regulação totalitária da vida privada, e ainda das novas formas de exploração do trabalho, caberia pensarmos em uma radicalidade da reflexão freiriana que possa nos instrumentalizar para uma “práxis política” à altura da atual etapa de legitimação do capitalismo por sua razão neoliberal.

Pensamos que esta radicalidade pode dar corpo a duas formas de intervenção, uma política e outra teórica, tomadas em separado para fins metodológicos, mas que são partes de uma unidade ou, nas palavras do autor, de uma práxis transformadora. E apenas a fim de algumas considerações sobre a base teórica do pensamento de Freire, tentaremos traçar uma relação entre o pensamento do autor e a crítica de Karl Marx à economia política. Pretendemos tratar da ancoragem do método freiriano nos pressupostos de Marx trazidos em seu método expresso no texto de 1857³ intitulado *Introdução* [à crítica da economia política] publicado no compilado de textos do autor reunidos sob o título *Grundrisse der kritik der politischen ökonomie* (Elementos fundamentais para a crítica da economia política).

Nesta esteira, compreendemos que esta radicalização corresponderia a uma ação que possa atualizar e incrementar seu método. Não exatamente aquele método prático de ensino, mas o método analítico que o fundamenta. Visando uma contraposição à crescente

³ MARX, 2011.



exploração da vida, aqui, ser radical significa ser criticamente coerente frente às necessidades impostas à massa de trabalhadoras/es que, a cada dia, veem suas condições de vida mais precarizadas. Isto, ao tempo em que os aparelhos ideológicos fazem crer numa crise dos horizontes de expectativas que possam prenunciar mudanças em direção a uma melhor forma de vida, ao tempo em que se agudiza a emergência da organização das massas exploradas pelo capitalismo. Por isto mesmo, pensando com Freire, podemos dizer que a realidade concreta requer uma visada analítica que possa orientar a crítica e a construção das pequenas e grandes revoluções, o que expressa, com Freire e Marx, uma posição contrária aos espontaneísmos e voluntarismos das ideias que nascem e morrem como... ideias. Podemos dizer que o método Freiriano, amparado no método da crítica da economia política de Marx pretende dispor-se como um recurso teórico aplicado e também como um método de análise da realidade em vista à sua interpretação. Mas não cabe apenas interpretá-la. Deve-se seguir ao retorno crítico do pensamento como fruto da reflexão, ou seja, a exposição do problema como formulação analítica disposta aos mecanismos de mediação para as intervenções na realidade social.

Um retorno à Freire nos dias atuais – se é que, de fato, algum dia a educação institucional tomou sua obra como recurso teórico e metodológico – impõe mantermos em marcha este projeto de uma crítica profunda das estruturas de dominação e exploração social no percalço do entendimento da forma de funcionamento do sistema que determina as formações das subjetividades. Este retorno se impõe afim de evitarmos as repetições de *ideias dominantes* que, na contramão do ato de decifrar o enigma, contribuem para a mitificação da esfinge – o capital – que nos devora sem temer nossas frágeis e efêmeras decifrações. Ou mesmo celebra quando o pensamento se presta à reprodução de seus simulacros.

Pois bem, o que disse Paulo Freire sobre a construção de uma educação que se ponha à reflexão e à intervenção na realidade a partir de seus agentes?

Em primeiro lugar, Freire estabelece como ponto de partida de sua reflexão o problema das relações de dominação cultural e da alienação política e econômica. Dentre suas principais obras encontramos a síntese de suas propostas exposta em *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Educação e mudança*



(1976), *Pedagogia da autonomia* (1997) em meio a uma dezena de livros escritos pelo autor, além de outros volumes escritos em parceria. Para o autor, o saber, sempre situado, a língua e a cultura podem vir a ser instrumentos de dominação a depender de qual polo social emanam. E no sentido de combater este domínio Freire propõe uma prática educacional que atenta às “necessidades culturais formativas”, tendo em vista o esclarecimento das massas.

Esta concepção busca abranger uma dada formação integral no sentido da formação ilustrada, portanto, aquela que contempla uma certa concepção de história universal, a moral, a ética, as letras, a estética. E esta ideia de formação intelectual se inscreve no marco histórico do iluminismo europeu, portanto, abrange uma formação alimentada pela produção do saber clássico. Porém, com Freire, nos encontramos também com o “saber popular”, os saberes não registrados pelos cânones do pensamento dito universal. Nesta confluência de saberes, comum ao pensamento crítico de seu período, o autor enseja uma ampliação consciente do chamamento de Descartes quando este incita seu leitor a “ler o grande livro do mundo”.

Esses ecos da corrente historiográfica da Escola dos Annales, expressão da aproximação transdisciplinar nas ciências humanas da primeira metade do século XX, formou as gerações de intelectuais brasileiros deste período. Tomamos a esse respeito o exemplo das correntes desenvolvimentistas nas ciências sociais e econômicas dos anos 1950 de base estruturalista⁴, bastante conforme ao contexto do surgimento da segunda geração dos Annales e em consonância, sobretudo, com a *longa duração*⁵ de Fernand Braudel. Na sequência, a corrente historiográfica inglesa da *história vista baixo*⁶ ganha forte repercussão em todo ocidente nos anos 1950 e 1960, em continuidade à crítica ao historicismo burguês dos últimos séculos. A noção de história popular, na obra de E.P. Thompson, os ecos das *Teses sobre a história*⁷, escritas em 1940 pelo filósofo Walter



⁴ Tendo como expoente Celso Furtado, ministro de Estado do governo João Goulart à época da implementação pelo MEC do Programa Nacional de Alfabetização, sendo este conformado pelas ideias e pelo método de Paulo Freire. In: FURTADO, 1959.

⁵ Este conceito se refere à ideia de que a história se inscreve em estruturas que perduram ao longo de determinado tempo histórico e que antecedem e determinam eventos e fatos inseridos no desenrolar desta mesma estrutura. Num exemplo próximo ao nosso tema, podemos falar no fenômeno de longa duração dos modos de produção, algo já esboçado por Marx quando este traz a necessidade de estudar os modos de produção anteriores para seguir em direção ao modo atual, a fim de compreendê-lo como resultado das contingências de um processo histórico determinado. In: BRAUDEL, 2011.

⁶ THOMPSON, 2001.

⁷ BENJAMIN, 2005.

Benjamin, em que traz sua proposta de uma escrita da história à contrapelo também perfazem um conjunto de elementos teóricos das ciências sociais, da economia, da antropologia que, naquele período, trouxeram à posição de protagonismo os saberes, a cultura popular e as tensões de classe.

Abrindo o caminho para citarmos as bases do pensamento intelectual de Freire, embora este não seja o foco do nosso trabalho, precisamos citar as influências trazidas pelas concepções educacionais propostas sobretudo na primeira metade do século XX. Aqui se insere diretamente o pensamento de John Dewey, trazido ao Brasil pela Escola Nova junto a sua proposta de abertura dos saberes escolares para os saberes não-canônicos e, igualmente, a abertura da instituição para um funcionamento democrático e participativo⁸, tanto no campo das metodologias como da sua própria estrutura. Por fim, mas não de forma exaustiva, cabe apontar a influência do humanismo de base marxista encontrado nas lutas anticoloniais da metade do século e, neste contexto, o pensamento de filósofos como Sartre e Franz Fanon.

A universalidade que orienta a formação de figuras como Paulo Freire, e nos referimos aqui à geração de intelectuais da qual faz parte, areja a dimensão da cultura com fenômenos à margem e além do cânone. É um livro aberto aos registros das culturas silenciadas e vencidas no campo das violências das dominações e explorações coloniais e imperialistas. Em termos próprios à letra destes intelectuais, culturas não apenas registradas, mas tomadas como meio e artifício para pensarmos a superação dos estados de dominação e conformação impostos pela colonização destas mesmas culturas, tendo em vistas a exploração econômica da terra e da mão de obra ao modo do domínio do atlântico sul pela burguesia industrial e financista da Europa e do Atlântico Norte. E assim como na obra de Marx a crítica à burguesia e ao liberalismo do século XIX não correspondem de todo a uma negação da modernidade, na obra freiriana também encontramos os ecos deste procedimento dialético. Tal posicionamento, comum ao pós-modernismo, não participa do método dialético que, antes de negar a realidade, a toma como ponto de partida para a crítica que pretende superá-la pelo esgarçamento de seus elementos constitutivos. Por isso, é ponto comum entre os autores uma assimilação do

⁸ DEWEY, 2010.



dado da realidade moderna da qual o mundo contemporâneo é herdeiro, em favor da reescrita da sua história.

Como sabemos, a formação proposta por Freire no âmbito escolar se dá a partir de um posicionamento bastante marcado em seu pensamento, aquele que estabelece uma relação de abertura hierárquica entre alunos e professores e a crítica da mera transmissão de conhecimento. Porém, vale lembrar que tal abertura não significa uma anulação da autoridade do professor, que precisa demarcar sua posição e seus parâmetros teóricos e metodológicos no espaço da mediação do conhecimento, nem significa, no plano do ensino, uma defesa da auto aprendizagem. Do ponto de vista da formação dos professores, encontramos em sua obra uma defesa da formação rigorosa e permanente, pois, em suas palavras, “o mundo não é, o mundo está sendo”. E frente a estes devires, professor e aluno são convidados ao exercício do conhecimento como desvelamento desta realidade mutável. Neste sentido merece destaque a dimensão propriamente conceitual da obra de Paulo Freire. As expressões “educação bancária”⁹, a ideia de coerência, satisfeita pela relação entre teoria e prática, as noções de cultura popular e de educação popular e a crítica da ideologia dominante se prestam à defesa de uma abertura social para a emancipação como libertação das determinações sociais e à autonomia como uma práxis libertadora. Assim, a conscientização da condição de explorado requereria aquele trabalho da reflexão sobre a realidade, mas também a prática criativa como intervenção na realidade.

Passaremos a aproximar o método dialético aplicado por Freire ao estudo do conhecimento humano e o método do materialismo histórico encontrado na obra de Marx. Em comum dá-se o paradigma da classe trabalhadora¹⁰, sujeito¹¹ do método de Freire e,

⁹ O conceito de educação bancária trazido por Freire expressa uma crítica à educação tradicional naquilo que carrega de práticas educacionais autoritárias e conservadoras. Como já percebemos, o contraponto à educação bancária, burocrática, pelo referente da metáfora, são as propostas de uma aproximação entre escola e o saber e a cultura popular das comunidades, em vista à uma abertura para novas formas e usos do conhecimento.

¹⁰ Não constará da reflexão de Freire as questões levantadas pelo marxismo ao longo do século XX sobre os dilemas de uma certa concepção de esclarecimento que corresponde à ascensão da consciência como identidade entre o reconhecimento de classe e a ação revolucionária. Na obra do autor, as problemáticas do campo da ideologia, da propaganda, do processo de produção de subjetividades podem ser equacionadas pelo conceito geral de cultura ou ideologia dominante.

¹¹ Para um apontamento oportuno sobre o tema, cabe frisar a indistinção entre campesinato e a classe trabalhadora urbana quanto à possibilidade de aplicação do método freiriano. Indistinção que, no entanto, não poderia produzir qualquer padronização do método, mas unicamente a abertura para o trabalho de um conhecimento contextualizado.



segundo o pensamento marxiano, sujeito histórico do devir revolucionário disposto ao fim da exploração do trabalho.

Investigar e expor a realidade

O ponto de partida da teoria da economia política de Marx é o materialismo histórico, que consiste num método de análise da sociabilidade historicamente situada e se põe como mecanismo de compreensão da relação primordial da qual emana toda sua teoria. A saber, a função da dimensão econômica na relação entre as classes sociais e a modo de produção capitalista como base e estrutura da história. Deste ponto, o autor seguirá a investigação da natureza e do funcionamento do sistema econômico até chegar à identificação histórica de que os sistemas econômicos tendem a entrar em colapso concomitantemente ao esgotamento de suas capacidades de produção, bem como da saturação das relações sociais de produção.

A partir desta observação, cabe ao autor pensar os limites do desenvolvimento do sistema do capital¹² no capitalismo moderno, de modo a identificar a “lei histórica” em pleno desenrolar das crises econômicas que despontavam no marco do mundo industrial. Neste contexto, Marx introduz outro aspecto da perspectiva teleológica da análise social que diz respeito a possibilidade da assunção de um novo paradigma de sociedade advindo destes estados de crise passados pelos sistemas econômicos. Tal como se deu na transição dos sistemas antigos de produção, o asiático, o antigo e o feudal para as novas formas de organização social sob as superações e rearranjos de elementos constitutivos destes modos de produção, as aberturas trazidas pelas crises do capital seriam igualmente aberturas para a superação de seu atual estágio.

No entanto, aqui tais processos de saturação interna dos sistemas de produção não significam um resultado autopoietico dos mesmos, mas tais crises e dissoluções de padrões de organização e produção material nestas sociedades se dão como resultado das relações dialéticas entre as classes sociais que compõem o tecido social de cada momento histórico. Em Marx (*Manifesto comunista*) a observação da análise dos diversos modos de produção

¹² O capital subsiste nas formas passadas dos antigos modos de produção. A forma atual das relações sociais mediadas pelo capital, orientada pela lei da obtenção de lucro sobre o trabalho assalariado, caracteriza o que designamos como capitalismo.



faz lembrar a primazia dos atores sociais que o engendram, demarcando assim a diferença entre a crítica da economia política frente as análises da economia clássica liberal. E neste ponto, dado o caráter antagônico das relações entre tais classes, surge a necessidade histórica de que as classes produtoras, detentoras da força de trabalho (a potência humana objetivada no saber, na técnica, por fim, na realização do ato de trabalho) antagonizem os momentos de crise sistêmica na forma da luta de classes, fundada nas relações pautadas pela propriedade dos meios de produção (burguesia) e a consequente exploração da força de trabalho submetida a esta regra do capital. Em Marx, desta luta adviria um novo paradigma societário pós processo revolucionário que, no fim do capitalismo, seria protagonizado pelo proletariado, implicando no devir de um novo paradigma ético para a sociedade que surgiria da superação do antigo sistema e do fim daquelas relações de exploração.

Portanto, podemos identificar no materialismo histórico proposto por Marx um apelo analítico que parte do estudo de como na história as sociedades se arranjam em sistemas econômicos e como cada sistema tende a sucumbir, o que significa para o autor compreender as leis que se repetem em cada sistema e como se dá o protagonismo humano arranjado sobre o paradigma indissolúvel do antagonismo de classe. Este ponto implicará na observação das relações fundamentais do labor econômico, ou seja, na relação da humanidade com a natureza pela via dos diversos processos de trabalho. Outro apelo pode ser inscrito como um realismo político, pelas urgências da luta de classes dentro do sistema atual. Neste momento, desponta o caráter político e programático do pensamento de Marx.



O Método da economia política (MEP)

Ao elaborar o método de análise da economia política, Marx insiste em uma forma dita como a visada correta de investigação da realidade concreta.¹³ Esta posição iria de

¹³ Marx inscreve seu método no contexto da crítica da razão no projeto moderno. Antes de passarmos à relação do MEP e o pensamento de Hegel, cabe registrar em que medida podemos ler o método dentro de um percurso da crítica ao racionalismo abstrato. No método de Descartes, encontramos o ponto de partida da crítica do processo de conhecimento que se relaciona a um entendimento, por assim dizer, direto do objeto. A redução proposta no método cartesiano objetiva dividir o todo a partes na medida necessária exigida pela razão para obter o conhecimento. E o critério da mensuração da verdade encontrada está na subjetividade – e não no fenômeno.

encontro ao modo como o idealismo pensa o real, tal como veremos numa exposição breve da formação da consciência proposta por Hegel. Considerando que o trabalho assalariado é a base da produção social, conformando os elementos objetivos e produzindo subjetividades para a reprodução do capital, a investigação deve partir destes particulares para chegar ao todo neles presente desde o início. No MEP, Marx dirá que a investigação teórica deverá “começar do concreto”. No texto de 1857, o autor inicia seus apontamentos estabelecendo algumas diferenças que deverá demarcar em relação às teorias tradicionais. Diz ele que a economia clássica parte em suas análises de generalidades, a exemplo dos estudos empreendidos sobre um país. No estudo de um país, comumente estes teóricos iniciam seus trabalhos partindo da população - sujeito da produção social. Porém, dirá que a população é apenas uma abstração se desprezados os particulares que engendram a produção, a saber, as classes sociais e seus arranjos internos. A população é uma representação caótica do todo e a análise correta, diz o autor, deve partir daí em direção a conceitos mais simples, num movimento contrário à inversão metonímica da economia clássica das generalizações que tomariam a parte (as classes, o trabalhador, etc) pelo todo (a população).

Como vimos, Marx irá inverter esta lógica defendendo o primado das relações concretas como possibilidade de acesso ao entendimento da realidade. Grosso modo, a método inicial de Marx postula que uma análise que parte do concreto (a população) para o abstrato - a reflexão, a representação - para em seguida expor a interpretação do seu objeto (a população, agora, não como um todo homogêneo, mas como um “complexo de múltiplas determinações”). Assim:

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, começarmos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. (MARX, 2011: 54)

Mas isto não é suficiente:

Caberia “dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas dessa vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações”. (MARX, 2011: 54)

Seguindo este ponto de partida, na sequência Marx insere a perspectiva de classe, ou melhor, de como as classes sociais despontam no interior do método. Desprezado o particular, aqui, as determinações internas das classes, recairíamos na abstração. Deste modo, as classes são tomadas em seus elementos estruturantes, quais sejam, a relação



com o trabalho assalariado, a relação do trabalho com o capital, seguindo para o patamar da escala econômica da divisão do trabalho entre intelectual e manual, a produção de mercadorias, a distribuição, a troca, o dinheiro e o preço, o consumo, o lucro.

Este percurso do pensamento é aquilo em que consiste a virada que Marx opera em relação a Hegel. Marx utiliza a metáfora de virar o pensamento hegeliano de ponta cabeça. Em termos do método, isso significa partir do concreto e investigar suas determinações, a que corresponde ao conceito de “concreto pensado”, em abstrações do método de análise até chegarmos às “determinações mais simples”. Mas, aqui, se faz necessário refazer o caminho percorrido, ou seja, voltar para a realidade concreta considerada não mais como o todo caótico, mas um “complexo de múltiplas determinações e relações diversas”, agora, objeto inteligido e à disposição da dialética da práxis. Longe de resultar num todo monolítico, o resultado da investigação se realizará em exposições, nas idas e voltas do processo reflexivo, a fim de manter vivo o processo de compreensão da realidade tão mutável quanto o incessante processo de autotransformação que perfaz a realização do próprio capitalismo.

Assim, no método da economia política Marx lança mão de uma crítica ao idealismo alemão dos séculos XVIII e XIX, identificando que a representação cria a realidade subjetiva – sendo este o papel da ideologia e, em outra medida, da abstração do entendimento – mas o real não é, tal como em Hegel, a realização direta da ideia, mas o pensamento objetificado e dotado de uma lógica apreensível pela sua *aparição* no mundo. Isto significa, ainda, que de uma consciência autodeterminada passamos a uma consciência determinada pelo trabalho, algo já considerado por Hegel, porém, ainda inserido na abstração do mundo da cultura, no patamar da linguagem e da moral.

Todo o esforço de Marx em estabelecer uma ruptura com a filosofia metafísica e os idealismos a que foi contemporâneo busca, portanto, tomar o real em sua manifestação. Esta antecipação fenomenológica encontrada, sobretudo, no texto ora citado expressa o início de uma virada no pensamento do autor que configura a analítica do atual sistema do capital e que irá desembocar nos volumes que compõe sua obra final, *O Capital*.



E como pensar Freire a partir do seu método analítico?

Como pudemos apresentar até o momento, o método dialético freiriano tem por origem a dialética do materialismo histórico desenvolvida por Marx. Assim como em Marx, a problemática em questão se desenrola através da análise da categoria trabalho no processo de produção social, a centralidade da categoria trabalho na reprodução social surge como uma ideia forte que pautou a formação de intelectuais como Freire. Neste ponto, retomamos ao marxismo presente na obra do autor. Se no método da economia política Marx lança mão de uma crítica ao idealismo alemão, uma proposta teórica e prática como expressa o pensamento de Freire se localiza no percurso de continuidade histórica e conceitual do método de Marx, atualizado frente às novas configurações do sistema capitalista e das transformações da ideologia burguesa.

E aqui voltamos à dimensão do método analítico tomado por Freire como reflexão crítica sobre a educação. O método prático busca efetivar uma operação que toma a cultura e vivências da comunidade alvo (o todo caótico) e segue em direção ao particular (o cotidiano do aluno) como ponto de partida para o conhecimento e, a partir daí, elevar ao conhecimento geral expresso nas representações do mundo socialmente compartilhadas. Isto significa, por um lado, aplicar um método analítico que parte da pobreza de sentido da simples vivência humana para elevá-la ao nível do conhecimento, da experiência, ou seja, da vida “pensada”, ao universal contido no particular da experiência humana. O todo caótico que se presta à observação acurada do trabalho da crítica é objeto da abstração não na medida da sua redução à ideia, o procedimento da metafísica criticada por Marx, mas numa relação de “opostos que se dialetizam no ato de pensar” (FREIRE, 2004, p. 97).

O método de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire nos anos 1960 consiste na aplicação de uma metodologia ativa e investigativa. Como vimos, o ponto de partida é o vocabulário comum, a linguagem do povo, em seus significados e significantes originários da oralidade. Esta semântica compartilhada pela comunidade é traduzida pela sintaxe daquilo que o autor cunhou como palavras e temas geradores, levados pelo professor para a sala de aula. A esta investigação e tradução em palavras do cotidiano daquele público segue-se a tematização ou o desdobramento dos temas em outros conteúdos correlatos, para daí chegarmos à equivalência sintática e semântica entre os



signos e a realidade. Assim, o objetivo do método não consiste apenas no letramento, mas também o conhecimento conceitual da realidade implicada em cada tema gerador.¹⁴

Entretanto, o trabalho do método não para aí. Chegar ao conhecimento do signo, da palavra escrita, é apenas a condição inicial para o estabelecimento do processo dialógico através do qual a realidade será problematizada a partir do tema gerador. A cada passo do processo de aprendizagem serão acrescentados a esta representação outros elementos e as contingências da totalidade que a compõe. Por isso mesmo, a noção de contextualização desponta como um dos eixos do método de Freire. A história de cada um daqueles indivíduos será requisitada como relatos particulares que poderão estabelecer nexos temáticos e, sobretudo, apontar na sala de aula a complexidade da realidade e da própria linguagem. Neste processo, correspondências e contradições necessariamente despontarão, trazendo a identidade e o negativo, as aberturas para o trabalho da compreensão crítica estruturante da histórica e dos sentidos produzidos pelos indivíduos.

Mas todo este trabalho não será limitado pela análise estrutural. Ao professor cabe direcionar, ou quando for, permitir o fluxo do questionamento e do estranhamento dos indivíduos perante a própria realidade. Aqui, entra em ação outro conceito freiriano e parte do método, exatamente a noção de situação-limite. Estas situações correspondem aos impasses trazidos pela compreensão da realidade e que reclamarão a tarefa da reflexão crítica. Atento ao método de Marx, o autor dirá que pensar a realidade não significa “reduzir o concreto ao abstrato”, mas tomá-los em suas diferenças que se “dialelizam no ato de pensar”. Pois, pelo contrário, se trata de não reduzir a reflexão à abstração.

E insiste em que o papel do professor situado na perspectiva crítica ao ensino tradicional deve partir da compreensão de que o ato de ensinar não só precisa romper com a base metodológica da simples transmissão de conhecimento, nem apenas se bastar a uma mediação igualmente simples e direta entre o conhecimento abstrato e a realidade. A noção de vivência no mundo da cultura, da observação dos diferentes modos de vida e



¹⁴ “[...] propor ao povo, através de contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação”. (FREIRE, 2004, p. 49)

práticas sociais exigem do professor a formação intelectual e cultural continuada. Se trata do ideal do professor como intelectual..¹⁵

Voltando a nossa proposta inicial, podemos tomar a radicalidade como devir: ser radical, aqui, significa orientar-se pela irrestrita emancipação (tema de toda a obra de Freire), pela luta anticolonial/imperialista, contra a exploração e pela liberdade do devir, como construção e abertura do “mundo que se faz”. E o papel da educação é fornecer os meios necessários para o conhecimento do mundo pelo entendimento do papel social de cada indivíduo. Ser radical pode ser tomado do ponto de vista programático. Na defesa da educação e da escola como espaços sociais de formação integral (não nos referimos ao modelo de educação integral; esta é uma forma bastante específica da institucionalização do ensino) como exercício político.

A atualidade de Paulo Freire também se relaciona com o cada vez maior distanciamento da educação institucional destes seus pressupostos

Na era da formação tecnicista, do empresariamento da educação, que a transforma em mais um serviço a ser prestado dentro da lógica do consumo, vemos a escola e a universidade afastarem-se cada vez mais daquilo que já foram: espaços de formação, reflexão, criação e crítica. Instituições autônomas porque fomentam o saber, que precisa estar à salvo das ingerências do Estado e, por conseguinte, do capital, e bem como da religião. Mas, em tempos em que o capitalismo se torna a nova religião (Benjamin)¹⁶ que orienta as crenças particulares, o saber é encapsulado pela lógica da educação operacional (Chauí)¹⁷. De instituição, a escola e a universidade são transformadas em Organizações administradas submetidas à lógica da reprodução econômica, política e social requisitada pelos agentes do capital na sociabilidade neoliberal. Esta operacionalização, tão afeita à financeirização das relações sociais, expressa-se nas ideologias de cada momento. E afeta diretamente a educação.



¹⁵ “É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido”. (FREIRE, 2016, p. 47)

¹⁶ BENJAMIN, 2013.

¹⁷ CHAUI, 2014.

Lançando aqui algumas problemáticas e também trazendo algumas discussões do momento de interesse da educação, começaríamos apontando que hoje exigimos ao outro e exigimos a nós mesmos um super desempenho, tendo por paradigma a velocidade do virtual sob as exigências do atual modo de produção. E, para instrumentalizar esta demanda do capital, hoje, tudo é projeto, como diz Byung-Chul Han¹⁸. A pedagogia se reduz à metodologia, afastando-se do ideal do vir a ser, da formação humana. Aos estudantes, a escola impõe o traçado prematuro de um projeto de vida: barramos as possibilidades do devir e da liberdade e aprisionamos vidas a modelos pré-determinados a formas de desempenho e resultados. A relação humana com o corpo e com o mundo se dá pelo empreendedorismo, que é a financeirização destas relações. As vidas se tornam precárias e empobrecidas, concreta e simbolicamente. O que diria Paulo Freire frente a este abismo? Podemos tentar responder a partir de seu legado maior: a urgência da crítica e da ação política mediadas pela radicalização do conhecimento do mundo e dos agentes que o engendram.

**Referências:**

- BENJAMIN, W. O capitalismo como religião. In: *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005, pp. 222-234.
- BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. In: NOVAIS, Fernando et al (orgs.) *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, pp. 86-121.
- CHAUÍ, Marilena. A ideologia da competência. In: *Escritos de Marilena Chauí*, vol.03. Belo horizonte: Autêntica editora, 2014.
- DEWEY, J. A concepção democrática da educação. In: *John Dewey /Robert B. Westbrook*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana: 2010, pp. 85-11.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*, 1959.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

¹⁸ HAN, 2015.

KEHL, M. R. *Bovarismo brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.



DIAS, André Ricardo. POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE O MÉTODO DE PAULO FREIRE E O MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA DE KARL MARX. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.18, N.2, 2021, p. 91-106.

Recebido: 11/2021
Aprovado: 12/2021

